

CONSUELO VARELA  
(Coord.)

CONGRESO INTERNACIONAL  
CRISTÓBAL COLÓN, 1506-2006  
HISTORIA Y LEYENDA

UNIVERSIDAD INTERNACIONAL DE ANDALUCÍA  
SEDE IBEROAMERICANA SANTA MARÍA DE LA RÁBIDA  
EXCMO. AYUNTAMIENTO DE PALOS DE LA FRONTERA  
CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS - EEHA

PALOS DE LA FRONTERA (Huelva)  
2006

Quedan rigurosamente prohibidas, sin la autorización escrita de los titulares del *copyright*, bajo las sanciones establecidas en las leyes, la reproducción total o parcial de esta obra por cualquier medio o procedimiento, comprendidos la reprografía y el tratamiento informático, y su distribución.

Portada: JUAN CARLOS CASTRO CRESPO

- © UNIVERSIDAD INTERNACIONAL DE ANDALUCÍA  
Sede Iberoamericana de Santa María de La Rábida
- © EXCMO. AYUNTAMIENTO DE PALOS DE LA FRONTERA
- © CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS - EEHA

ISBN: 84-7993-037-3  
Depósito legal: SE-3924-06  
Impreso en España  
Impresión: El Adalid Seráfico S.L.L.  
Maquetación: Juan Gallardo Blanco

# Portugueses nas viagens de Cristóvão Colombo

RUI MANUEL LOUREIRO  
Câmara Municipal de Lagos

É possível estabelecer inúmeras ligações entre Cristóvão Colombo e Portugal, algumas mais seguras, outras mais polémicas. Decerto não valerá a pena invocar a hipótese da naturalidade portuguesa de Colombo, que continua a ser regularmente retomada por historiógrafos amadores (ainda em 2006), mas que já foi repetida e convincentemente refutada por historiadores portugueses de elevado calibre<sup>1</sup>. Outras ligações merecerão decerto mais atenção e maior crédito. Como, por exemplo, a origem lusitana do projecto colombino de descobrimento de uma rota ocidental para as Índias<sup>2</sup>.

Nos anos finais da década de 1470, quando o futuro Almirante chegou a Portugal em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas, a empresa ultramarina lusitana começava a ser controlada pelo Príncipe Perfeito (mais tarde Dom João II). As viagens para os arquipélagos atlânticos da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde eram já rotineiras; os navios portugueses faziam regulares explorações ao longo da costa ocidental de África, tendo atingido a região do Golfo da Guiné, onde em breve seria construída a fortaleza da Mina; e a Coroa portuguesa apostava decididamente na busca de uma passagem oriental para as Índias, contornando o continente africano. Tinham-se mesmo organizado diversas viagens de exploração na parte ocidental do

---

1 Vd. Albuquerque, Luís de: *Dúvidas e certezas na história dos Descobrimientos Portugueses*, 2 vols., Vega, Lisboa, 1990-1991, vol.1, pp. 105-175; Pinheiro Marques, Alfredo: *As Teorias Fantásticas do Colombo "Português"*, Quetzal, Lisboa, 1991, e Graça Moura, Vasco: *Cristóvão Colombo e a Floresta das Asneiras*, Quetzal, Lisboa, 1991.

2 Vd. Luzzana Caracci, Ilaria: "Columbus and the Portuguese voyages in the Columbian sources". *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol.34, 1988, pp. 561-570; Randles, W.G.L.: "Le projet asiatique de Christophe Colomb devant la science cosmographique portugaise et espagnole de son temps". *Isleña*, Funchal, 1989, n. 5, pp. 73-88; Varela, Consuelo: "A Influência Portuguesa", *Oceanos*. Lisboa, 1992, n. 10, pp. 36-37; e Teixeira da Mota, Avelino: "Cristóvão Colombo e os portugueses". In Michel Chandeigne & Carlos Araújo (eds.), *Lisboa e os Descobrimientos*, Terramar, Lisboa, 1992, pp. 141-159.

Atlântico, em demanda de ilhas ou de terras desconhecidas, mas sempre realizadas por empresários particulares, sem qualquer apoio estatal<sup>3</sup>.

De qualquer forma, os meios náuticos portugueses fervilhavam de iniciativas e de projectos relacionados com o comércio de produtos exóticos, com o descobrimento de novas rotas marítimas, e com a exploração de terras anteriormente desconhecidas. Desenhavam-se cartas inovadoras, experimentavam-se e aperfeiçoavam-se instrumentos náuticos, circulavam relatos mais ou menos verídicos de viagens aventurosas, o saber geográfico tradicional era questionado, e a construção naval sofria transformações revolucionárias. A visão europeia do mundo alargava-se de forma verdadeiramente impressionante. E Cristóvão Colombo, graças ao seu casamento por volta de 1479 com Filipa Moniz, filha do capitão-donatário da Madeira Bartolomeu Perestrelo, ganharia acesso privilegiado aos círculos marítimos portugueses<sup>4</sup>.

Quando abandonou Portugal, em 1485, Colombo concebera já o projecto de atingir as Índias –essas terras fabulosas que se perfilavam no horizonte dos descobrimentos portugueses– seguindo um caminho ocidental, ao revés daquele que os navios lusitanos estavam a construir na sequência das extensas viagens realizadas por Diogo Cão ao longo do litoral de África. E, para além desse projecto inédito, é provável que o arrojado genovês transportasse consigo materiais cartográficos e textuais diversos, que consubstanciariam as suas ideias cosmográficas, como a célebre carta de Paolo del Pozzo Toscanelli, onde o físico florentino propunha precisamente à Coroa portuguesa a adopção de uma rota ocidental no caminho para as Índias. A única cópia actualmente conhecida desse documento, é bem sabido, está registada por letra do próprio Colombo nas últimas páginas de um dos livros que pertenceu à sua biblioteca pessoal<sup>5</sup>.

Logo depois, em Março de 1488, el-Rei Dom João II redigiria uma curiosa missiva, assegurando ao genovês que podia regressar a Portugal sem temor: “E porque por ventura teeres alguu rreço de nossas justiças por

---

3 A melhor síntese da expansão lusitana quatrocentista deve-se a Albuquerque, Luís de: *Os Descobrimientos Portugueses*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 45-74.

4 Para a biografia de Colombo, vd. a elegante síntese de Varela, Consuelo: *Cristóbal Colón. Retrato de un hombre*, Alianza, Madrid, 1992, que remete para a bibliografia fundamental.

5 Cf. Gil, Juan & Varela, Consuelo (eds.): *Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetáneas*, Alianza, Madrid, 1984, pp. 129-140.

Razã dalguuas cousas a que sejaaes obrigado Nos per esta nossa carta vos seguramos polla vjnda stada e tornada que nom sejaas preso, rreuteudo acusa-do çitado nem demandado por nhuua cousa”<sup>6</sup>. Parece evidente que Colombo teria receio de regressar a território português por motivo de qualquer crime ou ofensa cometida. E duas explicações se perfilam de imediato, ambas, em separado ou em conjunto, perfeitamente pertinentes. Por um lado, poderia ter desviado segredos estatais relacionados com as navegações portuguesas, nomeadamente materiais do género daqueles que haviam sido produzidos por Toscanelli. Por outro lado, também poderia ter mantido relações demasiado próximas com determinados sectores da nobreza portuguesa que a partir de meados da década de 1480 começaram a ser duramente reprimidos pelo Príncipe Perfeito, sob a gravíssima acusação de conspiração. E de facto, mais tarde, em Sevilha, o futuro Almirante conviveria assiduamente com gente aparentada ao defunto duque de Bragança, que em Junho de 1483 perecera tragicamente em Évora, às ordens de Dom João II<sup>7</sup>.

O projecto colombino daria eventualmente lugar à primeira grande viagem de descobrimento, realizada em 1492-1493, durante a qual Colombo, depois de navegar rumo a ocidente a partir das Canárias, encontrou ao fim de pouco mais de um mês de navegação um conjunto de ilhas anteriormente desconhecidas dos europeus. Nos anos seguintes, e até à sua morte em Maio de 1506, o Almirante das Índias do Mar Oceano rumaria mais três vezes para ocidente, revisitando as ilhas inicialmente contactadas e realizando novas expedições de exploração nos vastíssimos territórios insulares e continentais que pouco a pouco seriam percebidos (mas não, ao que parece, pelo próprio navegador genovês) como um Novo Mundo. Considerando que o projecto indiano de Colombo nascera em Portugal, sobretudo em contacto com os meios náuticos lisboetas, será legítimo perguntar até que ponto estiveram os portugueses envolvidos nas sucessivas viagens colombinas.

---

6 Martins da Silva Marques, João (ed.): *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a sua História*. 3 vols., Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1988, vol. 3, pp. 341-342.

7 Vd. Braamcamp Freire, Anselmo: “As conspirações do reinado de D. João II”. *Arquivo Historico Portuguez*, Lisboa, 1903, vol. 1, pp. 389-442. Entretanto, no domínio das relações portuguesas, pode ainda sublinhar-se que Colombo, ao abandonar Portugal, levava consigo um português que fazia parte da sua família, o filho Diogo, nascido por volta de 1480 em Porto Santo ou em Lisboa (vd. Bedini, Silvio A. [ed.]: *The Christopher Columbus Encyclopedia*, 2 vols. Simon & Schuster, Nova Iorque, 1992, vol. 1, pp. 133-135).

E uma questão relevante, mas que não mereceu até hoje resposta sistemática e desenvolvida, talvez pela excessiva carência de fontes documentais que a possam esclarecer. Efectivamente, as listas de tripulantes das várias expedições colombinas apenas são conhecidas de forma lacunar, circunstância que impede o rigoroso estabelecimento de todos aqueles que embarcaram sob as ordens do Almirante: “De los cuatro viajes que el Almirante realizo al Nuevo Mundo solo conocemos las listas de los tripulantes del primero y del cuarto, com algunas dudas. Del tercero solo se nos ha conservado la nómina de cinco de las seis naos que componían el convoy”; e “del segundo, compuesto por al menos 1.200 tripulantes, solo sabemos los nombres de unos pocos”<sup>8</sup>. Contudo, é evidente a uma primeira aproximação que as tripulações colombinas se caracterizavam por uma enorme diversidade no que toca às respectivas origens geográficas, compondo um verdadeiro mosaico internacional. Assim, não é de todo impossível que entre os vários milhares de pessoas que, em diversas ocasiões, embarcaram para as Índias com Colombo houvesse um significativo número de portugueses, sobretudo oriundos do Algarve, já que as relações entre este território português e a Andaluzia, de onde largaram as expedições colombinas, eram muito antigas e muito intensas<sup>9</sup>.

A expedição inaugural de descobrimento largaria de Palos em Agosto de 1492, a bordo de 3 navios tripulados por cerca de 100 homens. A lista de uma parte dos participantes é bem conhecida, através da “Relación de la gente que fue com Cristóbal Colón”, documento do Archivo de la Casa de Alba, em Madrid<sup>10</sup>. Mas de todos os nomeados apenas um é identificado como português, um tal “Juan Arias” (decerto ‘Aires’), grumete originário de Tavira<sup>11</sup>. Entretanto, outros nomes de homens que acompanharam Colombo na primeira travessia do Atlântico poderiam designar cidadãos portugueses, como “Luis de Torres”, intérprete, e como os marinheiros “Diogo Pérez”, “Álvaro” e “Gil Pérez”, e “Rodrigo Monge”. O mesmo se poderia dizer do piloto

---

8 Varela, Consuelo: *Cristóbal Colón*, p. 109.

9 Vd. Gil, Juan: “El Algarve y Sevilla al filo de Quinientos”. *Cadernos Históricas*, Lagos, 1993, vol. 5, pp. 130-152.

10 Cf. Varela, Consuelo & Gil, Juan: *Cristóbal Colón Textos y documentos completos*, Alianza, Madrid, 1992, pp. 414-418.

11 *Ibidem*, p. 416.

“Sancho Ruiz de Gama”, nome de sabor bem lusitano<sup>12</sup>. O que significaria que o Almirante, na sua jornada inaugural, tentara levar consigo pelo menos alguns marítimos de origem portuguesa. Esta intenção é absolutamente compreensível, uma vez que por volta 1492 os homens do mar portugueses seriam aqueles que maior experiência possuiriam de navegações nas regiões centrais do Atlântico, aquelas mesmas que Colombo pretendia atravessar.

Aliás, dificilmente se compreenderia que o Almirante não tentasse assegurar a colaboração de marinheiros, e mesmo pilotos, de origem portuguesa e com experiência oceânica. Os seus contactos em Portugal facilitariam sobremaneira esta tarefa. O único argumento contrário à participação de um elevado número de portugueses na viagem inaugural parece ser a referência encontrada em algumas fontes sobre o facto de, à passagem de Colombo por Lisboa na jornada de regresso da primeira viagem de descobrimento, em Março de 1493, el-Rei Dom João II ter mandado “sacar de los nauíos por fuerza dos marineros portugueses que auían ido com el Almirante”<sup>13</sup>. Um deles seria João Aires, enquanto o segundo homem poderia ser um tal “negro Juan português”, grumete que também terá participado na expedição<sup>14</sup>. Uma vez que os navios colombinos estiveram ancorados vários dias no rio Tejo, sendo recebidos –pormenor curioso– por Bartolomeu Dias, o navegador português que em 1488 ultrapassara o Cabo da Boa Esperança<sup>15</sup>, dificilmente poderiam encontrar-se outros portugueses a bordo sem que tal notícia circulasse rapidamente. De resto, existem demasiados apelidos comuns em Portugal e em Espanha para que a simples semelhança de sonoridade possa servir de argumento comprovativo, sem o confronto com outros indícios documentais.

O inesperado sucesso da primeira viagem colombina, rapidamente conhecido por toda a Europa, motivou a imediata organização de uma segunda expedição, desta vez com propósitos claramente colonizadores. A armada colombina, composta por 17 navios, largaria de Cadiz em Setembro de 1493,

---

12 Ibidem, pp. 414-418; Bache Gould, Alicia: *Nueva lista documentada de los tripulantes de Colón en 1492*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2006, pp. 58-59 e p. 157.

13 Ibidem, p. 58.

14 Gil, Juan: “El Algarve y Sevilla”, p. 133.

15 Varela, Consuelo & Gil, Juan: *Cristóbal Colón*, p. 215. Poucos anos antes, em finais de 1488, Colombo assistira em Lisboa à chegada de Bartolomeu Dias no regresso da sua histórica viagem de descobrimento. Ibidem, p. 92.

levando a bordo um número indeterminado de pessoas, de 1200 a 1500, entre tripulantes e passageiros. Não fora difícil aos patrocinadores da viagem recrutarem um tão elevado número de gente, pois, sobretudo graças aos esforços propagandísticos do Almirante, enormes expectativas haviam despertado um pouco por toda a Península Ibérica relativamente às Índias Orientais. Conhece-se uma listagem muito parcial da “Gente del segundo viaje de Colón”, que se conserva em Sevilha, no Archivo General de Índias<sup>16</sup>. Porém, mais uma vez, apenas um português aparece explicitamente referenciado, um tal “pedro portogues grumete”, embarcado numa das caravelas da expedição<sup>17</sup>. Nada de especial se pode apurar sobre este homem. Contudo, ao longo desta relação surgem outros nomes que poderiam apontar gente portuguesa: “martjn de canpos espadero”; “gil de berlanga espadero”, talvez oriundo de Peniche; “Ruy lopez calafate”; “iohan Rodrigues cardero carpintero”; “miguel de azevedo”, embarcado como “maestro mayor de fortalezas e de navíos”; “gomez de Rolin escudero”; “anton martjn marinero”; “Juan perez caravallo escudero”; “Anton de Paredes espadero”; “ihoan de ernanj marinero”; “Pedro de Villaviçosa onbre de pie”, decerto originário de Vila Viçosa; “pedro camacho grumete de la nao Gallega”; “anton sanches valles-tero”; “iohan franco tronpeta”; “iohan bermudes”; “fernando grumete”; “diego leal grumete”; “iohan de alegria espadero”; “pero gregorio” grumete; “francisco de camara bonbardero”; “gonçalo de torres”; “juan alvares carpintero”; “bernardino pacheco”<sup>18</sup>. Todos estes nomes se ligam a um leque restrito de profissões, sobretudo ligadas ao mar (marinheiros, grumetes, carpinteiros) e à carreira de armas (espadeiros e besteiros). Mas a semelhança de nomes, de novo, é um argumento algo débil para confirmar uma definitiva origem lusitana. Em outra fonte, entretanto, relativa à tripulação de três das caravelas da armada, é positivamente identificado um outro português, “Pedro de Salas”, um grumete originário de Lisboa<sup>19</sup>. Convenhamos que, num conjunto total de mais de 1000 embarcadiços, um par de portugueses soa a muito pouco. Mas a escassez de fontes proíbe quaisquer especulações.

---

16 Cf. León Guerrero, María Monserrat: *El segundo viaje colombino*, 2 vols., Universidad de Valladolid, Valladolid, 2000, vol. 2, pp. 112-163.

17 Ibidem, vol. 2, p. 127.

18 Ibidem, pp. 128-155.

19 Bedini, Silvio A. (ed.): *The Christopher Columbus Encyclopedia*, vol. 2, p. 624.



O recrutamento para a terceira viagem de Cristóvão Colombo, que haveria de largar de Sanlúcar entre Janeiro e Maio de 1498, tornou-se mais complicado, forçando inclusivamente à utilização de condenados indultados. Tal como sucedeu com tantas outras colónias europeias, “la tierra de promisión colombina se había convertido en un penal”<sup>20</sup>. Após os complicados eventos que se seguiram à segunda expedição colombina, as Índias terão perdido uma parte significativa do seu poder de atracção, e o Almirante só com dificuldades conseguiu alistar 226 pessoas, entre as quais cerca de um terço eram besteiros, numa demonstração expressiva das necessidades sentidas de prover a armada, e os estabelecimentos colonizadores no Novo Mundo, de pessoal de natureza militar.

A documentação existente e publicada fornece dados esparsos sobre um grande número de participantes da terceira viagem. Mas, de novo, a eventual participação portuguesa permanece obscura, já que, como nas anteriores expedições, os portugueses vão “camuflados por lo general entre extremeños, andaluces y gallegos”<sup>21</sup>. O rol conservado num manuscrito “Libro de armadas”, do hispalense Archivo General de Índias<sup>22</sup>, identifica desta vez meia dúzia de portugueses: um homem de armas, “Diego de Evora, ballestero, vecino de Evora”; um “Juan Castaño portugués”, também besteiro; um ferreiro, “Lope Alfonso, portugués”; e dois peões, um “Fernando portugués” e um “Alvaro portugués”. Os portugueses, tal como parece ter sucedido na segunda viagem, surgem sobretudo representados nas profissões guerreiras do pessoal embarcado na armada colombina. O nome de “Juan Portugués”, que é apresentado como originário das Canárias, suscita alguma atenção, pois poderia tratar-se de algum emigrante português fixado naquele arquipélago atlântico<sup>23</sup>.

Tal como sucede em outras listas de participantes nas viagens de Cristóvão Colombo, também nesta é possível entrever alguns nomes de inequívoca origem portuguesa, mas que não aparecem declaradamente como tais: um “Gil Delgadillo” ou Delgado, “escudero, vecino de Jerez de Ba-

---

20 Gil, Juan: “El rol del tercer viaje colombino”. In Gil, Juan & Varela, Consuelo: *Temas Colombinos*. Escuela de Estudios Hispano Americanos, Sevilla, 1986, pp. 1-28, p. 3.

21 Gil, Juan: “El rol del tercer viaje”, p. 9.

22 Ibidem, pp. 12-28.

23 Ibidem, pp. 16-19.

dajoz”; um “Francisco Delgado, labrador, vecino de Jerez de Badajoz”; um “Martín Sanchez, labrador, vecino de Jerez de la Frontera”; um “Antón Suárez, vecino de Jerez de la Frontera”. Todos estes, como se pode verificar, originários de lugares fronteiriços, que poderiam recorrer ao expediente de não se declararem portugueses. Depois, um “Alvaro de Castro, ballestero”; um “Juan de Terranova, ballestero”; um “Juan Ramos, ballestero”; um “Domingo de Albuquerque”; um “Luis de Castañeda, peón”; e um “Alfonso de Paredes”, também peão. Enfim, vários nomes de sonoridade lusitana são dados como casados com “mujer de Castilla”, o que poderia indicar origem estrangeira, como é o caso de “Fernando Pacheco”, “Cristóbal de Barros”, “maestre Diego, cirujano”, e “Fernando Pérez”<sup>24</sup>.

Enfim, a quarta viagem colombina volta a suscitar largo entusiasmo público, apesar de todas as polémicas que despontavam em Espanha relativamente à jurisdição e aos proventos dos novos territórios localizados por Cristóvão Colombo. Em Maio de 1502 –na sequência da largada de Cadiz, alguns meses antes, de Nicolás de Ovando com uma gigantesca armada de trinta velas, levando a bordo cerca de 2500 pessoas, entre tripulantes, pessoal militar e colonos destinados ao Novo Mundo– Cristóvão Colombo partia do mesmo porto andaluz para a sua quarta e última viagem de exploração, com quatro caravelas e uma tripulação de 140 homens. Mais uma vez, é complicado encontrar vestígios de portugueses nos diversos documentos que listam de forma parcial a gente embarcada, nomeadamente na “Relación de la gente e navios que llevó a descubrir el Almirante Cristóval Colón”, que se conserva no Archivo General de Simancas<sup>25</sup>. O nome mais evidente parece ser um grumete chamado “Diego de Portogalete”, se encararmos o apelido como um designativo de origem nacional. E depois, como em outras ocasiões, surgem diversos indivíduos cujo nome, pela sonoridade, poderia remeter para uma origem portuguesa, como: “Francisco de Estrada”, grumete; Pedro Gómez”, contramestre; “Francisco de Farias”, escudeiro; “Pedro Gentil”, escudeiro e escrivão da armada; “Francisco Domingo”, marinheiro; “Pedro Mateos”, marinheiro; “Diego Cabezudo”, marinheiro; “Diego Delgado”, marinheiro; “Pedro Barranco”, grumete; e “Gonzalo Díaz”, marin-

24 Gil, Juan: “El rol del tercer viaje”, pp. 11-27.

25 Gil, Juan & Varela, Consuelo: *Cartas de particulares*, pp. 307-317.

heiro<sup>26</sup>. Enfim, é difícil decidir, na base de tão leves indícios, tanto mais que se tratava de personagens de escasso relevo social, que não deixaram grandes vestígios documentais.

Talvez o mais conhecido ‘português’ que navegou com Colombo na sua quarta viagem tenha sido Diogo Mendes, ou Diego Méndez, como é conhecido nas fontes espanholas. Embora filho de pais castelhanos, este homem seria natural de Segura, povoação portuguesa situada na raia entre a Beira Baixa e a Extremadura espanhola. O seu pai adoptivo fora Dom Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor, um dos nobres portugueses implicados na conjura contra D. João II, que tinha sido obrigado a refugiar-se em Castela, “porque se nam quis poer a dereyto como el-rey queria”<sup>27</sup>. Após o desaparecimento do conde de Penamacor em 1494, Diego Méndez passara ao serviço de Cristóvão Colombo, rapidamente se tornando num dos seus homens de confiança. Desempenhou um papel de extraordinário relevo no decorrer da desastrosa quarta expedição colombina, servindo fielmente o Almirante em todas as horas. Após a morte do Descobridor, continuaria por longos anos ao serviço da família Colombo, quer em Espanha, quer no Novo Mundo<sup>28</sup>.

Diego Méndez configura mais um exemplo do estreito relacionamento que Cristóvão Colombo manteve com a larga comunidade de portugueses estabelecida em Castela na sequência da feroz repressão desencadeada por Dom João II de Portugal contra determinados sectores da aristocracia lusitana. Alguns destes nobres, e sobretudo os que se estabeleceram em Sevilha, fizeram parte em algum momento do círculo mais próximo do Almirante<sup>29</sup>. Como Dom Álvaro de Portugal, “pessoa de grande siso, saber e conselho”<sup>30</sup>,

---

26 Varela, Consuelo: “El rol del cuarto viaje colombino”. *Anuario de Estudios Americanos*, Sevilha, 1985, vol. 42, pp. 248-285.

27 Garcia de Resende: *Livro das Obras de Garcia de Resende*, Ed. Evelina Verdelho, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1994, p. 239.

28 Vd. Bedini, Silvio A. (ed.): *The Christopher Columbus Encyclopedia*, vol.2, pp. 461-462; Varela, Consuelo & Gil, Juan (eds.): *Cartas de particulares*, pp. 333-345; e Vigneras, Louis-Andre: “Diego Méndez secrétaire de Christoph Colomb et le comte de Penamacor”. *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, 1969, vol. 30, pp. 39-47. Diogo Mendes mereceria decerto um estudo monográfico, tanto mais que nas fontes portuguesas surge um homem do mesmo nome, desempenhando serviços para a Coroa lusitana na costa ocidental da Índia em 1515. Cortesão, Jaime: *O Império Português no Oriente*. Portugália Editora, Lisboa, 1968, p. 117.

29 Varela, Consuelo & Gil, Juan (eds.): *Cristóbal Colón*, pp. 465-468.

30 Garcia de Resende: *Livro das Obras*, p. 214.

irmão daquele Dom Fernando duque de Bragança que fora executado a ordens do Príncipe Perfeito; ou como Dona Isabel Henriques, marquesa de Montemor e casada com outro irmão do duque de Bragança<sup>31</sup>; ou como o já citado conde de Penamacor, que era casado com Dona Leonor de Noronha, prima-irmã da marquesa de Montemor. Com este grupo de nobres, estabeleceu-se também em Sevilha “un enjambre de criados” oriundos de Portugal, entre os quais se destacavam Diego Méndez, ligado ao conde de Penamacor, e Briolanja Moniz, a cunhada do Almirante e um dos seus mais seguros e mais constantes apoios, que estava ligada à marquesa de Montemor.

Curiosamente, como foi já notado, a partida de Colombo para Castela parece ter coincidido com o êxodo nobiliárquico motivado pelas perseguições do monarca lusitano Dom João II, o que poderia sugerir algumas ligações prévias entre os presumíveis conspiradores e o visionário genovês. Não está apurado se alguns dos fugitivos portugueses teriam participado nas viagens colombinas; mas as hipóteses são decerto escassas, uma vez que entre os aristocratas portugueses e os seus criados não deveriam abundar especialistas de assuntos marítimos, aqueles que poderiam de alguma forma contribuir para o sucesso das jornadas de descobrimento dinamizadas pelo Almirante. Assim, haverá que procurar noutra quadrante uma eventual participação lusitana nas quatro viagens colombinas, difícil de descortinar nas fontes actualmente disponíveis. O que não deixa de ser surpreendente, pois seria de esperar que Colombo recrutasse para as suas expedições um significativo número de marítimos portugueses, que poderiam trazer uma preciosa mais-valia em termos de eficácia e de segurança da navegação oceânica.

Esta brevíssima sondagem permite concluir que, através da documentação conhecida, não é possível identificar mais que meia dúzia de portugueses nas várias tripulações colombinas. A contribuição dos portugueses para as viagens de descobrimento do Almirante veio de dois outros quadrantes: por um lado, a participação lusitana em termos de saber geográfico e de arte de navegar foi essencial para a génese do projecto colombino de rumar às Índias pela via ocidental, já que foi sobretudo durante a sua longa estada em Portugal que o genovês reuniu o necessário cabedal de saber geográfico e a

---

31 Gil, Juan: “El entorno portugués de la marquesa de Montemayor en Sevilla”. In *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal, 1993, pp. 51-83.

indispensável experiência marítima; por outro lado, a comunidade portuguesa estabelecida em Sevilha actuou como uma espécie de rectaguarda estratégica do genovês, que nela encontrou em muitos momentos de necessidade apoio pessoal e material. Assim, embora sem uma visibilidade directa na composição das tripulações colombinas, ecos de Portugal podem ser presentidos quer nas relações pessoais que o Almirante manteve com a comunidade portuguesa de Sevilha, quer nas actividades náuticas que ao longo das suas quatro viagens desenvolveu. Neste contexto, e para concluir, valerá a pena chamar a atenção para o indiscutível saber português que perpassa por muitos dos escritos do navegador genovês, plasmado numa infindável sucessão de aportuguesados termos de marinharia<sup>32</sup>. A arte de navegar lusitana e a língua portuguesa também viajaram com Cristóvão Colombo a caminho do Novo Mundo.

---

<sup>32</sup> Vd. uma superlativa análise dos problemas linguísticos colocados pelos escritos de Colombo em Gil, Juan & Varela, Consuelo (eds.): *Cristóbal Colón*, pp. 31-75.